

PSICANÁLISE E LITERATURA

| ENTREVISTA ¹ COM REGINA CÉLIA CARDOSO ESTEVES ²

1. QUAL A RELAÇÃO ENTRE LITERATURA E PSICANÁLISE?

Acredito que um modo de responder seja a imagem do meu consultório, que me vem à mente neste momento. Livros de literatura dividem o espaço com os de psicanálise.

No encontro analítico, o paciente tem a possibilidade de entrar em contato com sua dor e, com a ajuda do analista, contar sua história e suportá-la. Como refere Hannah Arendt, toda dor pode ser suportada se sobre ela puder ser contada uma história.

Na literatura, também encontramos um espaço para viver e contar nossa história, ou nossas histórias. Criamos cenários, nos identificamos com a personagem, nos inserimos no enredo, rimos e choramos. Às vezes, nos modificamos.

1 Feita por Tiago Mussi e publicada originalmente na coluna Ficções no divã, do site da Federação Psicanalítica da América Latina (FEPAL): <http://www.fepal.org/entrevista-com-regina-esteves/>, em 30 de setembro de 2019

2 Psicóloga. Psicanalista. Membro efetivo, analista didata e atual presidente da SPFOR. Mestre em Educação pela Universidade Federal do Ceará e doutora em Psicologia pela Universidade do Minho, em Portugal.

2. COMO A LITERATURA DE FICÇÃO INFLUENCIA NO SEU TRABALHO COMO PSICANALISTA?

Em muitos momentos, no encontro ou desencontro com o paciente na sessão de análise, os autores literários tomam a frente, mostram-me o caminho. Às vezes, ocorre o inverso: a literatura me leva a buscar na psicanálise as possíveis respostas às minhas indagações.

Gostaria de citar um exemplo. O livro *As pequenas memórias*, de Saramago (2006), levou-me a buscar uma compreensão psicanalítica para essa obra e a escrever um ensaio sobre lembranças encobridoras.

Saramago refere:

Às vezes pergunto-me se certas recordações são realmente minhas. Muitas vezes esquecemos o que gostaríamos de poder recordar, outras vezes, recorrentes, obsessivas, reagindo ao mínimo estímulo, vêm-nos do passado imagens, palavras soltas, fulgurâncias, iluminações, e não há explicação para elas, não as convocámos, mas elas aí estão.

Em *Lembranças encobridoras*, de Freud (1899), podemos ver quão impressionante é a escolha executada pela memória entre os elementos da experiência, que chega a suprimir o que é importante e reter o indiferente. E, ainda, que o indiferente não é tão indiferente, uma vez que a memória mnêmica indiferente foi produzida e, em algum grau, deslocada associativamente do evento original, que, por alguma razão, não pode ser lembrado. A lembrança que substitui a original perde os elementos importantes e surpreende pela trivialidade.

3. QUE OBRA OU AUTOR DE LITERATURA MAIS LHE INSPIROU A SER CRIATIVA EM SEU TRABALHO?

Eleger um autor torna-se tarefa difícil. Desde criança sou leitora assídua, quase compulsiva, o que me trouxe algumas complicações. Venho de uma família que sempre privilegiou o trabalho, a produção. À época, ler era sinônimo de ócio, de lazer indevido. Minhas leituras davam-se quase que às escondidas, acompanhadas de um sentimento de desobediência aos ditames familiares. Mergulhada nos contos de fadas inicialmente e, posteriormente, imersa nas crônicas publicadas em jornais e nos contos de autores brasileiros e estrangeiros, era geralmente surpreendida por advertências para retornar ao trabalho. Hoje entendo por que preferia esse tipo de leitura: eram mais curtos e havia tempo de concluir. Os romances vieram depois, quando desenvolvi melhor a capacidade de tolerar a frustração diante da interrupção da leitura e a capacidade de espera para retomá-la. Devo dizer que, na adolescência, a literatura me proporcionou um refúgio diante do impacto que as notícias veladas ou explícitas da época me causavam. Os tempos eram sombrios. E eu imaginava que jamais voltaria a viver esses tempos. Ledo engano!

Mas, se tivesse de apontar um único autor e uma de suas obras, e o tamanho da influência causada não só no meu trabalho como na vida, seria *Grande sertão – veredas*, de João Guimarães Rosa. Da escrita estranha e quase incompreensível no princípio ao mergulho nas veredas da minha mente, deparei-me com verdadeira transformação: o sertão está em toda parte... viver é muito perigoso... qualquer amor já é um pouquinho de saúde, um descanso na loucura.